

HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Edusp, 2012.

Julio Pimentel¹

Juan é um homem sem sobrenome ou grandes predicados. Vivia perto do mar, trazia o rosto marcado e era atarracado. Cabo que se prepara para a guerra, ele não demora a transformar o horror que o aguarda numa história de amor: apaixonou-se por um canhão, objeto que o acompanharia durante o conflito. Devota-se a ele, trata-o como o ser amado deve ser tratado. Amor secreto, pois improvável. Os dias que antecedem a luta são de enlevo. Chega, porém, a hora da batalha. Nela, o canhão – “cachorro bravo” – mostra-se à altura da brutalidade que cerca homens e máquinas e age ferozmente. Mas, de repente, o monstro de ferro humanizado por seu parceiro é atingido e destruído por uma bala. A cena seguinte é descrita com as cores da vida e da morte: “*Oh que cuadro tan hermoso aquel del hombre abrazado al instrumento de muerte, en el medio de ese lúgubre hacinamiento de cadáveres, bajo el furor de las granadas, en aquella hora de desolación y de lágrimas!*” (apud HOSIASSON, 2011: 116-117)

Cadáveres e afeto, granadas e beleza, movimento e paralisia, epopeia e drama: contrastes e combinações – diálogos – de uma representação vertiginosa da Guerra do Pacífico, reunidos num conto tão breve quanto impressionante, publicado em 1898 pelo chileno Antonio Bórquez Solar. A narrativa é a base de um dos capítulos de *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*.

Laura Hosiasson, a autora, é professora de Literatura Hispano-americana no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo, e o livro, versão atualizada de sua tese de doutorado, defendida em 1996. Composto por quatro capítulos, analisa e interpreta relatos heterogêneos da guerra que envolveu Bolívia, Chile e Peru entre 1879 e 1883. Os capítulos são antecidos por um preâmbulo, de 2010, que situa o leitor na dinâmica do conflito: apre-

1 Professor Doutor de História da América na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

senta suas origens remotas, resume o teatro das operações militares, calcula os efeitos imediatos e longínquos da vitória chilena e os esforços, inclusive atuais, de retomar questões pendentes e aplacar tensões que parecem se eternizar.

Cada capítulo explora um olhar distinto. O primeiro estuda uma crônica e um diário de campanha escritos por soldados chilenos e avalia a preparação para a guerra. O segundo elege o romance boliviano *Recuerdos de un Subteniente* (1919), do ex-combatente Daniel Ballivián, como exemplo agudo dos mecanismos tortuosos da construção de heróis e de valores centrais numa guerra: coragem e covardia. A erotização e a estetização do conflito são exploradas no terceiro capítulo a partir do conto de Bórquez Solar e, no quarto, o romance *Guano maldito* (1970), do boliviano Joaquín Aguirre Lavayén, centraliza a discussão acerca de possíveis motivações externas, alaistradas e não apenas nacionais, da luta.

A variedade de registros e de temas alimenta discussões mais amplas e ininterruptamente presentes no livro: como se construíram as nacionalidades – ou identidades nacionais – na América Latina e, mais particularmente, nos países envolvidos na Guerra do Pacífico? Qual foi o papel da guerra na conformação das memórias nacionais e como estas contribuíram para definir fronteiras reais e imaginárias, sentimentos de pertença e unidade de chilenos, peruanos e bolivianos? Por que caminhos narrativos a guerra foi significada e para onde apontam os testemunhos e relatos ficcionais em seu esforço de compreender o estranho mundo em formação e transformação?

As respostas que a obra oferece a essas questões são bastante sólidas. Nos detalhes e no conjunto, o livro é incisivo ao atestar o caráter não natural das identidades, o que o leva a problematizar a memória histórica erigida pelos vencedores, diferenciá-la da história e denunciar o movimento de ideologização que, no passado e no presente, apoia-se nos discursos produzidos em torno dos ideais de unidade e nacionalidade. Ao expor os processos de invenção de tradições e as formas por meio das quais as comunidades são imaginadas, Laura Hosiasson desmascara os heroísmos privados e públicos e os ideais belicosos professados em tempos de guerra e de paz, tantas vezes considerados inevitáveis para as fundações nacionais. Revela ainda os mecanismos que tentaram (e tentam) uniformizar o passado e as vontades nele contidas, simplificando e homogeneizando a experiência vivida. Por meio da recuperação de registros miúdos e impertinentes sobre a Guerra do Pacífico, a autora reinstaura o passado como lugar de dissonância e confronto, abre espaço para vozes silenciadas e reconhece a ação decisiva da ficção como inventora e transformadora de realidades.

Para além das questões (nem tão) específicas suscitadas pela luta e pela documentação utilizada, há temas mais profundos e necessários em *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. O mais evidente é o do trabalho crítico e

suas possibilidades. A leitura rigorosa dos textos em que o livro se baseia associa-se a indagações teóricas e conceituais profundas e consistentes e demonstra o lugar privilegiado, embora instável, da crítica, que ultrapassa os limites de uma metodologia ou de um esquema analítico determinados e pleiteia aproximações com outras narrativas e disciplinas. Crítica que é – já definiu Sérgio Buarque de Holanda – sobretudo uma atitude perante a vida e os homens, uma forma de compreender o tempo presente e a experiência multifacetada e argilosa do passado. Exatamente por isso, Laura Hosiasson avança entre as representações de uma guerra horrível e atinge um terreno fascinante: o das relações entre ficção e história.

A discussão, em si, não é nova. Há décadas a produção intelectual brasileira indaga as contaminações entre essas duas narrativas. Muitos desses esforços, no entanto, desembocaram em resultados frágeis, ao sacrificar uma ou outra, ao fazer da história um mero apêndice explicativo da ficção ou tornar a ficção uma ilustração circunstancial da história. Ou seja, em vez de conceber uma relação complexa, preferiram instrumentalizá-la e banalizá-la. Na contra-mão dos discursos baldios, Laura Hosiasson assume a diferença entre os dois fazeres e a peculiaridade de cada um, mas sabe que a crítica se potencializa em meio aos contrastes e alcança perspectivas que, isoladamente, nem a história nem a ficção atingiriam.

O historiador italiano Carlo Ginzburg, defensor dos encontros entre história e ficção e crítico enfático da simplificação que tantas representações fazem de seu referente, já relembrou o esforço de Elstir — personagem de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust — de pintar as paisagens “ao revés”, de fugir da própria perspectiva. Para Ginzburg, Elstir preferia o estranhamento ao conhecimento prévio, a distância à proximidade. Isso conferia caráter excepcional e exemplar às suas pinturas: elas incorporavam outros olhares, desiguais mas confluentes, e ampliavam a compreensão dos contrastes, das semelhanças e dos distanciamentos: a compreensão da história era intensificada pelo olhar revelador da ficção, e a do texto ficcional, iluminada pelo empenho interpretativo da história.

Talvez o amor trágico que abalou Juan simbolize exatamente esse jogo de espelhos distorcidos que une ficção e história. Não por acaso, Laura Hosiasson observa que a passagem que registra a morte do canhão amado “é o trecho mais violento do relato e talvez seja um dos mais cruentos da literatura dessa guerra. E essa violência consiste justamente na falta de pudor (no sentido de descaramento) com que o sujeito textual da enunciação expõe os pressupostos estéticos que emprega” (HOSIASSON, 2011: 116-117). Inevitável. Ali, afinal, está tudo: a contundência da história e sua estetização ficcional, a improbabilidade de uma guerra que aponta irreversivelmente para um desfecho terrível, a aproximação na diferença e na distância, as perspectivas que se cruzam, a perma-

nência de um encontro entre narrativas que vem da Antiguidade e sobreviveu a segmentações naturais ou arbitrárias. Muito mais que da Guerra do Pacífico, é desse diálogo – cujas fronteiras são bem mais porosas que os limites territoriais determinados pela guerra e até hoje contestados – que, com agudeza e extrema densidade, fala Laura Hosiasson.